

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE042752

FARIA, Ronaldo. A cara da boemia: com 58 anos vividos na noite Flávio Cara lembra o tempo em que ir a um restaurante era sinônimo de requinte. Correio Popular, Campinas, 10 abr. 2003.

A cara da boemia

COM 58 ANOS VIVIDOS NA NOITE,
FLÁVIO CARA LEMBRA O
TEMPO EM QUE IR A UM
RESTAURANTE ERA
SINÔNIMO DE REQUINTE

Flávio Cara: "O Juscelino
(Kubitschek, ex-presidente)
foi outro que gostava de um
copo. E era um boêmio
inveterado"



N a casa, um sem-número de sapos, gnomos, garças, elefantes e minhocas dividem o quintal. Porém, ao invés de um zoológico imaginário em pleno Jardim dos Oliveiras, o lugar cheio de estátuas acolhe um homem da noite. Um ser que mesmo sendo uma lenda de 58 anos vividos da madrugada até o sol raiar em São Paulo ou Campinas, não é vampiro. Pequeno, magro, cabelo arrumado com topete, o dono da casa é um maitre da antiga, do tempo que se conhecia cada cliente pelo nome e sabia-se, como manda a regra de um profissional, o prato e bebida preferidos, o lugar onde sentar, os segredos e aconchegos. Enfim, uma espécie em extinção na noite que mudou. Com vocês, Flávio Cara, 70 anos, o rosto da boemia e de um tempo em que ir a restaurante era sinônimo de requinte.

Antes de ler a reportagem, um aviso: nunca peça para Flávio Cara sentar na mesma mesa, porque será difícil levantar depois. Afinal, é impossível não ficar com aquele gosto de “quero mais” na boca, devorando pratos de casos e “causos”. Aos 70 anos, o velho maitre tem uma memória irrepreensível. E quem o teve atendendo a mesa pode ficar certo que, se for encontrado, será recebido da mesma forma gentil. E se tiver dado calote, pode também estar consciente que será cobrado. Mesmo se for o presidente da República.

“Eu trabalhava em São Paulo, no Excelsior, perto da Assembléia Legislativa. Era um lugar que o Adhemar de Barros (*ex-governador*) e o Jânio Quadros frequentavam. E o Jânio, ainda pobre, tinha a mania de tomar umas pingas. Só que se você não tivesse cuidado, ele saía correndo, sem pagar a conta. Comigo ele fez isso uma vez. Tomou, eu bobeei e ele deu no pé. Anos depois, ele já presidente, veio a Campinas numa reunião que eu estava ajudando. Dada hora, com o inseparável copo na mão, ele foi à cozinha nos cumprimentar. Eu não pestanejei. Quando falou comigo, eu fui incisivo: ‘Presidente, sabe que nós já bebemos juntos e o senhor uma vez saiu sem pagar?’ Jânio estranhou. Mas depois que eu o lembrei, riu muito. E ficamos amigos”, lembra o maitre.

Bebida e noite, aliás, como amigas inseparáveis, fazem o anedotário de um profissional de bar ou restaurante ser repleto. Ainda mais com quase seis décadas de um tempo em que a boemia era um misto de romantismo e glamour. “O Juscelino (*Kubitschek, ex-presidente*) foi outro que gostava de um copo. E era um boêmio inveterado. Um dia, numa festa em São Paulo, cheguei a dançar com a primeira dama, a Dona Sarah. Esse era amigo pra chuchu. Gente boa. Sabia fazer amizade com o seu jeito simples”.

No rol da política, Flávio Cara serviu os ex-generais e presidentes Emílio Médici e João Figueiredo e o civil cassado Fernando Collor. Do atual, Luis Inácio Lula da Silva, o maitre recorda tê-lo atendido em Campinas, em campanha: “Não sei hoje, mas na época o Lula gostava mesmo é de pingão”. Como maitre, Flávio Cara esteve 35 anos à frente do corpo de garçons do Restaurante Rosário. No campo local, ele lembra com carinho de três ex-prefeitos. De um deles, Magalhães Teixeira, recorda os filés a cavalo com muita cebola que eram o pedido oficial. “Ele era muito bacana. Pessoa simples e espetacular. Não dava trabalho”. Dos outros dois, que prefere manter anonimato e falar usando o verbo no passado, ficam histórias pitorescas.

“Um deles gostava muito de beber uísque, diversas doses na noite. Só que, num dado momento, já meio bêbado, passava para a cerveja, com gelo, e dormia na mesa, todo alegre. Já o outro, quando ganhou a campanha, foi ao Rosário e pediu para eu dar uma sugestão. Falei do Abadejo a Belle Meuniere e ele assustou, dizendo que não tinha como pagar. Eu olhei para o novo prefeito de cima a baixo e disse que realmente ele estava bem derrubado, mas que era por pouco tempo. Não deu outra... Meses depois, era costume ele pedir camarão e lagosta para entregar em casa. Mudou da água para o vinho. Mas é gente muito boa e uma raridade no meio político: um mão aberta na gorjeta”, brinca.